J.H. Schlengmann

IMPÉRIO DO ALÉM

A Origem dos Airos

SINOPSE

Império do além é uma série de livros de ficção/fantasia ambientada na era medieval com grandes adições de mitologias e religiões. É uma saga épica com ênfase em guerras, mas sem deixar de lado os sentimentos e lições como respeito, honra e humildade.

A origem dos airos é o primeiro livro da série de livros de J.H. Schlengmann e conta a história de origem da raça dos airos desde os antepassados até seus descendentes. Tudo tem início no fim do pacto de paz entre os humanos e os elfos, e o início do imperialismo de Lly-Helel nas terras de Muhoselt. No meio dessa intriga política, Trivus, um guerreiro e mensageiro dos humanos, se torna prisioneiro de guerra no país dos elfos e lá ele conhece a elfa Laya que tenta ajudá-lo. Juntos eles tentarão escapar da influência imperial e a repressão de ambas as raças num jogo onde o mais importante é a sobrevivência.

PRÓLOGO

Sobre a geografia.

O livro se passa em outra realidade totalmente fantasiosa e fictícia. Nenhum país do livro foi inspirado em países existentes, foram inspirados em países de outras obras literárias de mesmo gênero.

A aventura desse livro se passa nos países Muhoselt e Meradd do continente Diamat.

Sobre o tempo.

O tempo se passa em uma era equivalente à nossa era medieval europeia, na época dos valorosos guerreiros, cavaleiros e reis.

A contagem do tempo, na história desse livro, não é equivalente a contagem real do nosso tempo. Assim como a geografia, a idade histórica desse livro desprende-se da realidade.

Nessa estória, eles vivem no ano de 3.767 no início do livro e termina em 4.415, segundo a contagem do calendário humano criado para essa obra, que foi baseado no calendário asteca segundo as pesquisas de Diego Durán.

Sobre os nomes próprios.

Os nomes dos personagens e dos lugares foram quase todos inventados, há pouquíssimos nomes próprios que foram baseados em palavras já existentes. Se há algum nome que signifique algo inusitado em algum idioma existente, não foi a intenção.

Sobre as raças.

O livro trata de muitas raças diferentes, algumas de mitologia árabe, escandinava, hebraica e outras mitologias mundiais.

Nesse livro, existem raças bem conhecidas em outras obras como: Dragões, Trolls, Orcs e Elfos.
As principais raças, onde se concentra esse livro, são os humanos, os elfos que são seres famosos de várias mitologias do mundo e a raça dos airos, uma raça inédita criada por J.H. Schlengmann para a saga *Império do Além*.

Sobre os idiomas.

Cada raça, geralmente usa um idioma diferente. Português, toren'ni, khorgwn, houndês e outros que com exceção do português, foram criados

exclusivamente para essa obra com palavras inventadas e anagramas. Se alguma palavra significar algo inusitado em algum idioma existente, não foi a intenção. Quanto ao português, ou qualquer outro idioma que tenha sido traduzido essa obra, é chamado de Orlenim, a linguagem dos humanos.

"O Império do Além" enscrito nos idiomas: toren'ni, houndês e khorgwn.

Diamat
Rio Dizucro
Galar
Muhoselt
Rio Grande do Norte
Brenim
Citos
Rio Rínocha

Diamat
Vunduv
Urthas
Rio Grande do Norte
Meradd
Rio Ganver
Noagurh

A ORIGEM DOS AIROS

____

Primeira parte da saga
IMPÉRIO DO ALÉM

CAPÍTULO 1

ACORDOS

A data, segundo a contagem dos homens daquela época, era dia 17 do mês vulap do ano 3767 segundo o calendário humano e dia 3 do mês tapeansar no ano 6026 segundo o calendário élfico.

Os humanos e os elfos viviam nas longínquas terras de Muhoselt, um país no oeste no mundo, noroeste do continente Diamat. Embora nunca tivessem problemas territoriais e nunca tiveram alguma guerra entre si, era vivo o racismo e o desagrado de ambas as raças viverem sobre o mesmo solo. Constantemente segregavam-se e evitavam ao máximo o contato. Dividiam-se cada raça em duas grandes cidades. Citos, a cidade dos humanos e Brenim, a cidade dos elfos.

Trivus Hashy, um horado guerreiro humano, trabalhava como mensageiro do exército e por muitas

vezes entregava mensagens entre os líderes de cada raça. Era um dos poucos homens de confiança para os elfos e por isso despertava desconfiança entre os humanos, Trivus vivia em uma tênue linha entre as duas raças. Apesar de humano, Trivus era fascinado pelos elfos e gostava de sua cultura e seus hábitos e chegou até a aprender o idioma élfico toren'ni.

Por ser um competente mensageiro, era o primeiro a ser cotado para envio de mensagens perigosas, e Trivus sempre as cumpria com eficiência.

Certa noite, um estranho ser bate em sua porta.

– Trivus, eu suponho. – disse o estranho ser ao espantado homem que respondeu afirmativamente com a cabeça.

– Preciso que leve uma mensagem urgente. – Trivus o convidou a entrar enquanto tentava descobrir que tipo de ser era aquele, parecia um goblin, mas era muito alto, mas também muito magro para ser um orc, vestia uma roupa estranha como se estivesse enrolado em trapos e cobria o rosto deixando apenas os olhos à mostra.

– Envie a seguinte mensagem aos seus governantes: Vocês e toda a raça humana devem prostrar-se diante do imperador Lly-Helel, Soberano das terras do sul que agora expande seu império a toda terra conhecida. Imediatamente cedam seus lugares de governante às hordas imperiais e aglomerem-se nos subúrbios desse país.

Trivus tremeu de medo, pois aquela mensagem soou como uma grave ameaça. Sem mais nada a dizer, o estranho ser retirou-se e sumiu na escuridão da

noite. Apressadamente, Trivus montou em seu cavalo e foi em direção aos governantes de Mohuselt.

– É uma mensagem de extrema urgência! – disse Trivus às sentinelas que barraram seu avanço alegando que os governantes estavam dormindo, mas com um pouco de insistência de Trivus, foram acordá-los, pois confiavam nas palavras do mensageiro.

Algum tempo depois, o salão de audiências estava preparado e Trivus foi escoltado por uma sentinela até lá. Ao entrar ele viu uma mesa retangular posicionada horizontalmente no fundo do salão em uma parte mais elevada. Na mesa, havia quatro cadeiras e nelas estavam sentados os quatro governantes de Citos, uma senhora e um senhor de idade avançada, um burguês tido como o homem mais rico do país e um plebeu eleito democraticamente pelo povo para figurar entre os governantes do país.

Trivus já os conhecia muito bem, pois muitas vezes trabalhou para eles como mensageiro, então sem qualquer protelação, Trivus lhes entregou a mensagem.

Os quatro preocuparam-se e temeram, um deles disse que deveriam defender as terras, outro disse que seriam destruídos se tentassem, outro disse que aceitar a submissão de Lly-Helel era pior que a morte, pois sua fama terrível já era do conhecimento deles. Foi quando Trivus teve uma ideia.

– E se pedíssemos ajuda aos elfos? E se juntássemos nossos exércitos? Talvez teríamos chance.

Os quatro governantes, após conversas entre si, concordaram e ordenaram que Trivus fosse até as

terras dos elfos para propor a unificação dos dois exércitos.

Trivus imediatamente foi em direção ás terras dos elfos, montou no cavalo mais veloz disponível na estrebaria e partiu de Citos. Demorou o restante da noite para chegar até Brenim. Era manhã quando Trivus finalmente chegou ao centro da cidade dos elfos e pediu uma audiência urgente com o rei elfo. As sentinelas élficas também confiavam em Trivus e logo foram falar com o rei. Depois de alguns instantes, a sentinela retornou para escoltar Trivus até a presença do rei. Trivus subiu uma escadaria e ao passar pela grande porta, contemplou os ornamentos em prata dos corredores até chegar ao salão onde o rei sentava ao seu trono.

– *Vusul ul ray Barishae!* – disse Trivus saudando Barishae, o rei dos elfos – *Gitrue usceteni usresa.* – continuou ele dizendo que trazia graves notícias.

– Não é necessário que fales em toren'ni, – disse *Barishae* – fale em orlenim, pois nosso idioma não mais deve ser usado por estrangeiros.

– Não sou estrangeiro, – respondeu Trivus – vivemos no mesmo país.

– Não teste minha paciência, – disse o rei elfo – entregue logo sua mensagem.

– O imperador Lly-Helel pretende tomar Mohuselt como parte do seu império e exigiu nossa rendição, o que será negado pelos quatro governantes dos humanos, então precisamos defender Mohuselt onde também é vossa terra, mas sozinhos somos

incapazes, portanto nós humanos, solicitamos a união do nosso exército com o exército élfico para defender o país.

– Estamos cientes da ameaça de Lly-Helel. – disse Barishae – reuni-me com meus conselheiros e chegamos ao consenso que nos entregaremos ao regime imperial. É impossível vencer a horda e preferimos sobreviver. Isso já aconteceu com elfos de outras terras. Nós éramos os últimos elfos neutros, mas não mais. Recebemos ordem de matar qualquer humano que entrasse em nossas terras, mas em consideração a você, não o mataremos, mas também não posso liberá-lo. Você ficará preso aqui. Podem levá-lo.

Trivus ficou surpreso e aterrorizado, em meio a seus gritos de reconsideração, foi levado para a prisão.

Ele estava completamente estarrecido e temeroso com seu destino e refletiu sobre isso por horas. Até que recebeu uma visita. Era Laya, uma elfa jovem e tão bela que por um breve momento Trivus esqueceu-se de seus problemas. Ela levava comida para ele.

– Coma, – disse ela – Não quero que pense que somos tão ruins assim.

– Eu sei que não são, – respondeu ele – Isso tudo é apenas uma infelicidade do destino. Espero que seu rei reconsidere.

– Eu também. – disse Laya sussurrando para o guarda não ouvi-la. Em seguida ela partiu.

Trivus ficou algum tempo com a cabeça encostada na grade, pensativo sobre tudo que se sucedera até ali.

Depois, comeu a comida que a elfa lhe trouxe, raízes cozidas e legumes. “Típico” pensou ele.

No dia seguinte, Laya visitou Trivus novamente trazendo-lhe comida.

– Hoje lhe trouxe frutas e verduras.

– Se eu continuar comendo essas coisas, vou me transformar em uma árvore. – disse o homem rindo e fazendo rir a elfa.

– Hoje à noite, lhe trarei uma massa.

– Ah, disso eu gosto muito.

– Se eu não for pega, vou preparar uma lebre cozida para amanhã, mas não posso garantir.

– Já estou salivando desde hoje, mas por ora, já estou satisfeito com essas frutas. Muito obrigado.

– Preciso ir, o guarda já está retornando.

Mais uma vez, Trivus passou o dia pensativo sobre os acontecimentos, mas dessa vez, Laya esteve muito mais em sua mente do que a possível guerra que ameaçava vir até seu país.

Durante a noite, Laya retornou com a massa prometida. Trivus abriu um largo sorriso, mas estava indeciso se sua felicidade era pela comida ou por ver a elfa. O humano pegou o prato, cheirou e elogiou o tempero, mas não comeu, pôs o pra na mesa e se virou para a elfa.

– Não comerá? – perguntou ela.

– Comerei sim, depois. Tenho algo melhor pra fazer agora.

– O que seria?

– Conversar contigo.

– Oh! E o que queres conversar?

– Qualquer coisa. Quero conhece-la.

– Não tenho uma vida interessante para que queiram me conhecer.

– Não aparenta isso. Conte-me, o que fazes para viver?

– Confecciono roupas de couro para os soldados, mas eu já trabalhei como guarda aqui dessa prisão.

– Surpreendente.

– E você? O que fazias em Citos?

– Sou um guerreiro, mas não sou dos mais famosos nem dos melhores, mas sou muito bom mensageiro. Decoro bem as mensagens mesmo que longas e conheço todos os atalhos e estradas de Muhoselt.

– Mas no fim, ser bom nisso que o trouxe aqui.

– Verdade.

– Devo ir agora, como eu disse, já trabalhei aqui e sei exatamente os horários e patrulhas dos guardas daqui e sei que está vindo um guarda para essa ala daqui a pouco.

– Tudo bem. Verei-lhe novamente amanhã?

– Certamente. – disse Laya partindo com um sorriso. Então que Trivus comeu sua massa que estava deliciosa. Logo depois, ele se pôs a dormir.

No dia seguinte, a elfa retorna com um cozido de lebre. O homem já não podia mais esconder o tamanho de sua alegria ao ver Laya.

– Como está a situação lá fora?

– Tensa. Alguns elfos se rebelaram contra o rei por submeter-se ao imperador e foram presos, alguns são amigos meus.

– E quanto a ti? És contra o rei?

Laya respondeu afirmativamente com a cabeça.

– Não deixe que descubram isso, certamente a prenderão ou pior.

– Sim eu sei, quisera eu poder fugir daqui para não ver minha raça trabalhando para aquele monstro.

– Mas fico feliz em saber que pelo menos um elfo é sensato, embora jovem.

– Jovem? Sou mais velha que você, esqueceu que elfos vivem séculos?

Os dois riram um pouco, mas Laya precisava retornar.

– Até amanhã. – disse Trivus já sentido saudades de Laya antes mesmo de ela partir. Ela era a única coisa que mantinha a sua sanidade mental.

Semanas passaram enquanto os dois se encontravam assim todos os dias, até que perceberam que já estavam ligados de maneira muito forte.

– Sabes que já não posso mais viver sem poder vê-la, não sabes? – disse Trivus pegando na mão de Laya através da grade.

– Imagino que sim, pois é o que sinto também.

– Se eu pudesse prever meu futuro quando saí de Citos sabendo que eu seria preso aqui, eu teria vindo mesmo assim, pois também saberia que iria te conhecer.

– Mas como isso vai funcionar? Não há esperança de que sejas liberto.

– Isso não importa hoje. – disse ele levantando o rosto dela pelo queixo com seu dedo. Eles olharam-se e beijaram-se. Laya sorriu para Trivus e partiu dali, prometendo vê-lo no dia seguinte.

Mas no outro dia, Laya veio com um semblante triste e Trivus logo se preocupou.

– O que houve?

– Lly-Helel ordenou que os elfos atacassem os humanos para conquistar o restante de Mohuselt.

Trivus ficou pasmo e nada soube responder. Laya apenas deixou sua comida e saiu, nada podia confortá-lo agora, ele sequer conseguiu comer.

No dia seguinte, Laya estava determinada a planejar uma fuga para Trivus.

– Não o manterão vivo por muito mais tempo. – disse ela – Você precisa fugir, e lhe ajudarei nisso.

– Tudo bem, mas somente se você vier comigo.

– É claro, não fico aqui nem um dia a mais. As coisas mudaram muito por aqui desde o regime imperial, mas mudaram pra muito pior.

– O que quer dizer com “nem um dia a mais”? Fugiremos hoje?

– Bem que eu gostaria, mas precisará ser amanhã, pois o exército partirá da cidade. Os guardas do castelo e do calabouço terão que cuidar dos muros, talvez não tenha nenhum aqui amanhã.

– Aonde o exército irá? Para Citos?

– Não tenho certeza, não me informaram, mas provavelmente sim.

Laya partiu dali pensando em rotas de fuga enquanto Trivus estava ansioso e mal conseguiu dormir naquela noite.

No dia seguinte, Laya entrou no calabouço e viu que deixaram um guarda encarregado de cuidar dos presos, mas ela não foi despreparada, levava consigo uma poção e ao ir visitar Trivus, derramou um pouco da poção na bebida do carcereiro sem que ele percebesse. Ele a bebeu e em pouco tempo, caiu em profundo sono. Ela pegou as chaves abrindo a cela do humano.

– Vou libertar os demais prisioneiros. – disse Laya e assim ela fez libertando outros vinte elfos que estavam presos e lhes pedindo silêncio e furtividade ao sair do calabouço.

Eles conseguiram fugir esgueirando-se pelos corredores até saírem e chegarem à floresta e continuaram a fugir sorrateiramente até que estavam seguros. Ali todos os presos espalharam-se, cada um foi para uma direção diferente, mas não sem antes agradecerem a Laya que ficou com Trivus.

– Conseguimos. – disse ele.

– Sim, mas o que faremos agora?

– Eu gostaria de voltar para Citos e ajudar a defender a minha cidade

– Não posso deixar que vá, não somente o exército de Brenim partiu, mas também os elfos de Galar estiveram aqui partiram para acabar com Citos.

– Galar? Não! – disse Trivus triste, pois sabia que os elfos de Galar eram implacáveis e juntos com o

exército de Brenim, não haveria nenhuma forma de Citos sobreviver a isso.

– Sei que não és covarde, mas nada podes fazer lá.

Trivus se entristeceu profundamente, e nada mais disse por algum tempo.

CAPÍTULO 2

O EXÍLIO

Continuaram a viagem sempre olhando para trás se preocupando em não serem vistos e perseguidos. Só comiam frutas das arvores que encontravam e não caçavam para não deixarem rastros. Dormiam em buracos e se cobriam com mato e ficavam felizes quando encontravam uma caverna, pois isso oferecia mais conforto e segurança, dada a situação. Tomavam muito cuidado com suas pegadas e sempre que se deparavam com um vento contrário, desviavam de sua rota para confundir farejadores.

– Às vezes penso se não seria melhor a morte. – comentou Trivus quebrando um silêncio que durava toda a manhã daquele dia.

– Sim, tal pensamento também passou em minha mente, – respondeu Laya – mas não é de natureza élfica optar pela morte.

– Não para nós, humanos. Muitos de nós cometem suicídio pelos mais variados motivos. Às vezes por honra, ou falta dela, às vezes a desonra é tamanha que é insuportável continuar vivendo. Muitos encerram sua vida apenas para acabar com o próprio sofrimento, seja ele físico ou mental e muitos, por não poder viver com a pessoa amada.

– Mas que horror, que motivo banal.

– Sim eu sei, mas muitos matam a sua amada por causa de rejeição. O que acho ser muito pior.

– Também acho. Nós elfos nunca seríamos capazes de cometer suicídio. Somos amantes da vida. É um desejo inerente em todo elfo que tudo que é vivo permaneça vivo.

– Menos quando um imperador implacável ordena que os elfos matem humanos. Talvez tenham até algum prazer nisso.

– Não generalize, nem todos foram para a batalha, muitos como eu, não apoiam a submissão para Lly-Helel.

– Eu sei que és diferente, apenas estou triste e com raiva do que aconteceu.

– É compreensível, mas como eu dizia, é de nossa natureza amar a vida, isso é inerente, mas não é uma lei, pois antes de tudo vem nosso instinto de sobrevivência. Acredito que Barishae aceitou a submissão para poupar a vida dos seus, pois ir contra Lly-Helel é ir em direção à morte.

– Também é compreensível, mas eles deveriam pensar nas consequências dessa submissão, como a ordem de exterminar os humanos de Citos.

– Concordo, é uma lástima que isso aconteceu.

– Precisamos comer algo, a fome chegou a mim. – disse Trivus tentando por fim àquela conversa, pois se entristecia a cada palavra trocada.

Ele avistou um abacateiro e logo tratou de se aproximar e derrubar alguns abacates para desjejuarem. Comeram, esconderam os vestígios e em seguida seguiram viagem ao leste.

Depois de um mês de viagem, chegaram às margens do rio grande do norte que marcava a divisa entre Muhoselt e as pacificas terras de Meradd. O rio não possuía nenhuma ponte para travessia, pois não havia população em Meradd, ao menos que se conhecia. Então atravessaram o rio a nado, pois não era tão fundo nem tão largo. Ao chegarem à outra margem, seguiram para nordeste.

Mais um mês de viagem depois, encontraram um vale, era bem camuflado por grandes árvores, e ficava próximo a um aglomerado de montanhas.

Não conheciam aquelas terras, não sabiam o nome daquele lugar, então o batizaram de Vunduv, uma mistura com a frase "*vunoa duve*" que em toren'ni significava "vida nova".

Escolheram um lugar para construir uma cabana camuflada nas arvores de frente para o vale e de costas para uma montanha, o que dava vantagem de visão. Sem demora procuraram materiais para a construção, cipós, madeiras, palhas, pedras, tudo que poderiam usar como estrutura para a cabana. Vários dias

passaram-se, mas enfim a cabana estava pronta e ali, puderam então ter a tão desejada privacidade, conforto e segurança onde puderam finalmente amar-se.

Certo dia, Laya teve um surpresa.

– TRIVUS! – gritava ela chamando por seu amado enquanto ele consertava um buraco no teto da cabana.

– O que houve? – respondeu ele apreensivo.

– Não achei que seria possível, mas... – ela fez uma pausa – Estou grávida!

Trivus a princípio não acreditou, mas ao ver os olhos lacrimejados de Laya, passou a crer e uma grande felicidade que a muito não sentia, preencheu todo o seu corpo.

– Isso é um milagre! – disse ele.

– Sim, nunca na história houve uma criança de pais humano e elfo. Já houve casos amorosos entre as duas raças, é claro, mas nunca foi possível gerar uma criança de tal ato.

Trivus começou a acariciar a barriga de Laya com um grande sorriso em sua boca. E pela primeira vez, depois de muito tempo, os dois pareciam ter encontrado um pouco de felicidade com uma vida simples e amor verdadeiro.

Depois de um ano, que era o prazo da gestação de elfas, Laya sentiu as dores do parto que eram intensas, em verdade, toda a gestação daquele milagre foi complicado, por várias vezes ela sentia terríveis dores

e às vezes sangrava um pouco, mas conseguiu manter a gravidez e naquele dia iniciaram os preparativos para o parto.

– Nunca sequer vi um parto, principalmente de uma elfa. O que devo fazer? – perguntou Trivus muito preocupado.

– Apenas fique comigo e me ajude a tirar.

Em meio aos gritos da elfa, pariu dela um menino, pequeno e magro, mas muito ativo. Mas Laya continuou sentido contrações e deram-se conta de que eram gêmeos. Dessa vez, saiu uma menina, com a mesma estatura de seu irmão.

Eram gêmeos e eles não conseguiam crer que estavam presenciando aquilo, uma surpresa muito bem vinda para eles. Então lhes deram o nome de Eler para a menina e Eron para o menino. Não era do costume dos elfos dar sobrenomes e Trivus não queria dar o seu sobrenome “Hashy” para eles, então resolveram criar um sobrenome, “Airo”.

Depois que limparam os gêmeos de todo o sangue que os envolvia, Trivus e Laya perceberam que as crianças nasceram mestiças, as orelhas deles eram ligeiramente pontudas, o que os diferenciava dos elfos que tinham as orelhas grandes e extremamente pontudas, sua cor de pele também era diferente dos seus pais, algo numa tonalidade mais escura, apenas um pouco mais escura que a pele de Trivus, muito diferente da cor de pele dos elfos que era bem clara. Já era de se imaginar que haveria diferenças, pois era a primeira vez que um mestiço de elfos e humanos era gerado, por isso tinham muitas incertezas quanto aos

desenvolvimentos físico e psicológico das crianças. Mas naquele momento só o que queriam pensar era na felicidade que estavam sentindo naquele momento importante de suas vidas e talvez da história do mundo.

Alguns anos se passaram e os gêmeos alcançaram idade para começar a aprender algumas coisas. Trivus e Laya educavam seus filhos física e mentalmente.

Trivus fazia aprimoramentos na cabana e ensinava aos gêmeos.

– E essa pedra é colocada aqui, pois terá mais firmeza na base. – dizia ele ensinando às crianças a construir um tipo de sistema de água, para que não precisassem buscar água no rio, mas sim fazer a água vir até eles. As crianças ajudavam como podiam sendo supervisionadas pelo pai que não os deixava trabalhar demais, apesar de eles demonstraram muito interesse em construções e tinham ótima força para suas idades.

– Eler, Eron! – chamou Laya – está na hora de começarmos nossas lições de linguagens.

Os estudos também eram de grande interesse para os gêmeos, ele queriam saber de tudo, e faziam muitas perguntas sobre a natureza, sobre outros povos, história, geografia, álgebra, astronomia, anatomia, agronomia e muito mais, parecia que tinham sede de conhecimento.

– O orlenin, idioma dos humanos, vocês já estão dominando perfeitamente, mas o toren'ni ainda precisam aprimorar. – disse a mãe deles.

Os gêmeos se sentaram em bancos e esperavam atentos pela lição enquanto Laya escrevia com uma espécie de lápis feito de carvão em uma placa fina de madeira.

– Notei que vocês erram quando falam a palavra "sobre" em toren'ni. Em orlenim, "sobre" pode ter o significado de estar em cima de algo, mas também pode significar se tratar a respeito de algo. Eron, diga em toren'ni a frase: Eu canto sobre a floresta.

– *Yi ticun brasi lu quabis.* – disse o pequenino com certa insegurança.

– Errado. O certo seria: *Yi ticun cucaru dal quabis.* – corrigiu Laya – Vejam bem, "*brasi*" é "sobre" no sentido de estar em cima de algo, aqui devemos usar o "sobre" que significa se tratar de algo, ou seja: "*Cucaru".*

– Mas por que mudou "*lu*" para "*dal*"? perguntou Eler.

Em orlenim, usa-se o artigo "a", que em toren'ni é "*lu*", mas na gramatica toren'ni, nesse caso não se usa artigo, mas sim a preposição "da" que em toren'ni seria "*dal*".

– Por quê? – indagou a garota.

– Isso será a matéria de outra aula, vamos continuar a matéria de hoje.

Nessa época lhes contaram também toda a história que eles passaram até ali e tudo que sabiam sobre o imperador Lly-Helel, e planejaram até uma rota de fuga caso eles fossem descobertos.

Por mais alguns anos permaneceram nessa rotina e quando atingiram dez anos de idade, mudaram a rotina de ensino para sobrevivência com lições de luta, caça e armamentos.

– Nas últimas semanas nós os ensinamos a lutar sem armas enquanto também ensinamos a criar suas próprias armas, – disse Laya aos irmãos Airo.

– Agora, com as armas prontas, vocês irão aprender a usá-las. – completou Trivus.

Começaram então um intenso treinamento com as mais diversas armas, desde espadas e lanças até arremessos de adagas e flechas em arcos.

Os pais se espantavam com a evolução de seus filhos e percebiam que nenhum deles se sobressaia ao outro. Tinham a mesma força e agilidade.

Quando adquiriram um bom desenvolvimento em combate, começaram a caça. Caçavam javalis, veados e alces. Sempre sobre o atento olhar de seus pais, que só se envolviam na caça, quando um terceiro predador estava próximo como ursos, lobos, e grandes felinos.

Por mais alguns meses continuaram os treinamentos, até que uma noite, já madrugada, um batedor elfo que sondava aquela região, avistou a casa dos fugitivos e ocultou-se fazendo uma vigília até a manhã seguinte para descobrir quem morava ali.

Já era manhã, mas o sol não havia clareado o vale, pois as montanhas a leste o impedia, mas o elfo continuava oculto e vigilante e antes mesmo que o sol

pudesse reguersse o suficiente para brilhar em Vunduv, Laya abriu a porta da casa e saiu para pegar alguma erva no canteiro. O elfo a reconheceu e furtivamente regressou para o oeste a fim de chegar às terras de Muhoselt e retornar com a informação.

Algumas semanas após aquilo, uma pequena companhia do exército elfo invadiu o vale.

– *Trivus y Laya, Al vitegefo y lu ruditrue.* – disse o comandante da companhia de frente para a casa da família referindo-se a Trivus como fugitivo e Laya como traidora – *Misvulla chimo piteam lisdicúnbos. Pir ticrada dal dirrupaam Lly-Helel, dastaos nantea qua rermi.* – disse ele que traduzindo para orlenim seria: "A muito procurávamos por vocês. Por decreto do imperador Lly-Helel, vocês devem morrer".

No interior da casa, Trivus e Laya prepararam uma passagem secreta para seus filhos fugirem.

– Espero que não estejam cientes dos nossos filhos. – disse Trivus.

– Crianças, passem por aqui e não deixem que os vejam, fujam para as montanhas como planejamos. – disse Laya com lágrimas nos olhos.

As crianças obedeceram serrando os lábios para não ouvirem seus choros. Correram entre as árvores e a partir dali, começaram a subir a montanha, até que ouviram um grito rápido que logo reconheceram. Naquele momento já sabiam que seus pais estavam mortos e agora estavam sozinhos. Olharam um para o outro em profunda tristeza, mas continuaram subindo a montanha furtivamente até alcançarem o cume.

Foram criados para saberem sobreviver e colocaram em prática todo ensinamento de seus pais para conseguirem comer e se proteger, embora ainda crianças.

Ao descer as montanhas do outro lado de onde moravam, encontraram uma caverna que ficava ao pé da montanha tendo outras montanhas em sua volta com exceção à direção sudeste da caverna onde se estendia uma grande floresta. Decidiram morar ali e batizaram aquele lugar de Urthas que vinha da palavra *Ňurtruax* que significava Saudade.

– E agora, o que faremos? – Perguntou Eler a seu irmão que nada dizia, mas sempre tinha uma lágrima escorrendo em seu rosto.

– O que vamos fazer? – insistia ela.

– Temos que construir um lugar para morar.

– Aqui? Será que estamos seguros?

– Em nenhum lugar estaremos seguros, mas em qualquer lugar estaremos preparados.

– Devemos começar então com um lugar para dormir.

– Faça isso, enquanto eu vou tentar improvisar um teto apenas para hoje. Amanhã podemos planejar melhor o que fazer.

Eler saiu à procura de cipós e Eron procurou por galhos e palha. Assim que conseguiram seus materiais, retornaram para a caverna. Eler começou a trançar os cipós para confeccionar um colchão enquanto Eron tentava erguer uma estrutura de galhos, mas às vezes os deixava cair.

– NÃO! – gritava ele quando sua estrutura, quase finalizada despencou. – Papai me ensinou desse jeito, por que não está dando certo?

– Acalme-se. – disse Eler pegando na mão de seu irmão. – Faça algo mais simples apenas por hoje, como você mesmo disse, amanhã planejamos melhor.

Eron armou a estrutura de galhos de maneira mais simples como sua irmã sugerira, e realmente deu certo, o que fez o menino sorrir por um breve momento. Eler já havia terminado o colchão e ajudou seu irmão a cobrir a estrutura com palha até formar o teto.

Deram o dia por encerrado e foram dormir juntos no colchão de cipós. Era muito mais desconfortável que sua antiga casa, mas não reclamavam e sentiam um pouco de orgulho por terem feito aquilo sem ajuda de seus pais.

No dia seguinte conversaram sobre tudo que precisavam fazer, desde utensílios a armas para caça e proteção. Sem demora começaram a produzir suas ferramentas e contruir uma cabana dentro da caverna.

Por alguns anos viveram dessa forma, sozinhos e de forma muito simples.

CAPÍTULO 3

MILAGRE MALDITO

Os anos passaram e quando alcançaram a puberdade, que para eles foi por volta de seus vinte anos, algo inevitável estava acontecendo. Por algum motivo, estavam sentindo timidez de seus próprios corpos e curiosidade no corpo do outro. Até que um dia resolveram conversar sobre o assunto.

– Eler! – Chamou Eron por sua irmã em seu quarto que já a alguns meses era em outro cômodo.

– O que fazes aqui? – perguntou ela escondendo seus seios com seu cobertor.

– Acho que deveríamos conversar.

– É sobre o peixe queimado de hoje? Já disse que a culpa foi sua por trazer a lenha errada.

– Não é sobre isso.

– Se é sobre a goteira na cozinha, eu mesma já resolvi. Não há nada que você faça que eu também não consiga.

– Abaixe seus espinhos. Precisamos conversar e não é sobre comida ou a casa.

– Me espere lá fora. – disse Eler que colocou uma roupa assim que Eron saiu do quarto. Ela saiu da cabana e viu que seu irmão estava sentado em uma pedra na parte de fora da caverna, ela sentou ao seu lado, ela sabia sobre o que ele queria conversar, pois não era a primeira vez que ele intentava tal conversa, mas ela adiava sempre que podia, mudando de assunto.

– Nossos pais não nos ensinaram a lidar um com o outro. – disse ela cedendo enfim.

– Não, eles nos ensinaram a sobreviver, lutar, caçar, nos esconder, construir, confeccionar... mas nunca como devemos tratar um ao outro quando fossemos mais velhos.

– Talvez fosse o plano, mas foi interrompido.

– Também penso assim, não iriamos entender muito bem naquela época.

– Talvez não. – disse Eler olhando para as estrelas assim como Eron fazia.

– Mamãe nos ensinou que ao morrer, vamos para um paraíso, de mata verdejante, onde nada morre, nem mesmo os animais precisam caçar.

– Não imagino uma mata mais verde do que essa e aqui não tem muitos animais predadores, será que já morremos e esse é o nosso paraíso?

– Não seja boba. – Eler sorriu – Papai também me disse que alguns humanos acreditam que quando morremos nos tornamos uma estrela lá no céu.

– Agora o bobo é você, mamãe nos ensinou sobre o cosmo e os astros. Isso é uma superstição sem sentido.

– Sim eu sei, mas seria reconfortante olhar para o céu e ver que as estrelas dos nossos pais estão lá iluminando nosso caminho aqui.

– Seria mesmo, mas temos que ser realistas. Nossos pais não nos ensinaram sobre muitas coisas que estamos passando agora, nunca nos ensinaram sobre sexualidade.

– Sim vivo pensando nisso.

– Eu também, nossos corpos mudaram, estão parecidos com os dos nossos pais e eles se amavam fisicamente.

– Na época eu não entendia, mas hoje, lembrando quando às vezes se beijavam e se trancavam no quarto, acho que entendo.

– Lembra quando perguntamos sobre como nascemos? Na época não fez sentido, mas faz agora.

– Sim, ela disse que eles amaram-se e com isso, crescemos no ventre dela.

– E quando estávamos prontos, saímos dela, igual quando vimos aquele cervo nascer e mamãe nos explicou que era assim.

– Me preocupo se um dia você teria que passar por isso, deve doer muito.

– Não tenho medo de dor, só tenho medo de ficar sem você.

– Mesmo brigando tanto como temos feito?

– Você me irrita às vezes, tem época que só de você respirar, já tenho ódio de você, mas tem época

que o amo. Não sei por que acontecem essas mudanças, mas sei que começou depois que eu menstruei. Mamãe disse que isso aconteceria, pois eu vi acontecer com ela, mas ela não explicou sobre como eu me sentiria.

– Parece que ser mulher é muito mais difícil, gostaria de compensar de alguma forma.

– Você já compensa, você me protege, cuida de mim, é gentil e me respeita.

– E como você sabe disso? Afinal não tem muitas referências.

– Porque mamãe disse que papai a tratava assim e disse também que a maioria dos homens não é assim.

– Que bom que fui bem educado, então. – disse Eron olhando nos olhos de sua irmã que sorriu, mas desviou o olhar. E ficaram alguns minutos sem conversar, apenas olhando para o céu estrelado. Eler estava com a cabeça inclinada sobre o ombro de Eron.

– O que vamos fazer? – disse Eron quebrando o silêncio.

– Sobre o que?

– Sobre essa sexualidade, sobre como nos sentimos fisicamente.

– Realmente não sei.

– Acha que devemos partir daqui e procurar alguma civilização para aprender mais?

– Acho que se fizermos isso, poderemos ser descobertos, pois somos fisicamente diferentes tanto dos humanos quanto dos elfos.

– Verdade, a preocupação maior de nossos pais era nos esconder.

– Mas então como vamos aprender sobre isso?

– Teremos que aprender sozinhos.

– Evidente que sim, mas o que sugere?

– Fazer o que nossos pais faziam, eu acho.

– Mas eles não eram irmãos. Será certo fazermos isso?

– Acho que o que é certo ou errado deve ser definido por nós mesmos.

– Concordo.

Eron ficou de frente para Eler e a beijou como seus pais faziam. Eles sentiram que era prazeroso e continuaram a noite toda.

Pela manhã sentiram-se mais felizes e entenderam que se completavam fisicamente e assim fizeram novamente sempre que tinham vontade e sem se importarem com nada, pois não havia ninguém ali para ensinar-lhes que aquilo era errado, mas a natureza, mesmo que tardia, ensina.

Depois de alguns meses, Eler começou a perceber os indícios de gravidez, sua menstruação havia parado, além dos vômitos e fadiga e outros sintomas. Em pouco tempo ela já sabia o que estava acontecendo e foi contar ao seu amado.

– Eron! Preciso lhe dizer algo.

– O que houve? Passa bem?

– Na verdade não, mas o motivo do que estou passando é que me preocupa.

– Fale logo mulher, estás me deixando nervoso.

– Acho que estou grávida!

A noticia foi como uma cabeçada de búfalo no peito de Eron que sentou-se imediatamente no chão e ficou confuso quanto aos seus sentimentos. Assim também se sentia Eler que começava a chorar sem saber o que dizer.

– Eu sinceramente não sei se isso é bom ou ruim. – disse ela em meio aos prantos.

– Se vamos mesmo passar por isso, que tentemos ver pelo lado bom. Vamos amá-lo como nossos pais nos amaram e ensinar como formos ensinados.

– Ensinar? Até agora nós é que estamos tentando aprender, como vamos ensinar?

– E vamos continuar aprendendo para sempre, mas isso não impede de ensinarmos o que já sabemos.

– Espero que consigamos ser para ele, ou eles, os pais que nossos pais foram.

– Conseguiremos sim.

O restante da gestação foi complicado para Eler. Por vezes ela teve sangramentos e sentiu-se mal, mas conseguiu manter a gravidez até que chegou o dia de dar a luz.

Eron preparou a cama para Eler deitar-se, e fazia tudo o que ela pedia. Nenhum dos dois sabia o que fazer, estavam perdidos e com medo, até que o filho começou a sair. Eron cuidou para que o bebê não caísse segurando-o pela cabeça até que ele saísse completamente.

Ao terminar o parto, Eron limpou o bebê e o colocou no colo da mãe. Era um menino, tinha as orelhas ligeiramente pontudas como seus pais e seu

tom de pele também era mais escuro, mas perceberam que algo estava errado, pois os olhos do bebê sangravam e não sabiam o que fazer, pois o bebê chorava muito.

Depois de três dias, os olhos do bebê parou de sangrar, mas ele ainda chorou até ter duas semanas quando Eler e Eron perceberam que o bebê parava de chorar quando ficava no escuro. Entretanto, na claridade, ele voltava a chorar. Então eles o mantiveram sempre em local escuro ou com pouca luminosidade e deram ao bebê o nome de Jisi Tasgrunsun que significava olhos sangrentos.

Então, puderam perceber melhor a cor de seus olhos que eram vermelhos, algo que só se via em outras criaturas como dragões ou demônios.

Foi apenas quando a criança tinha dois anos que eles entenderam a diferença de seu filho. Ele tinha grande facilidade para enxergar no completo escuro, mas quanto mais iluminado fosse o ambiente, menos ele enxergava e até sentia dores nos olhos quando saia durante o dia, o que era raro, pois durante o dia, ele sentia sono e durante a noite, ele ficava agitado. Eler e Eron tiveram que mudar toda a sua rotina de forma a ficarem acordados durante a noite e dormirem durante o dia. Só assim conseguiram cuidar de seu filho.

O casal ensinou Jisi da mesma maneira que seus pais haviam lhes ensinado. Áquela altura, Eler já estava grávida novamente e sentiam que descobriram o proposito de suas vidas, serem a origem de um novo

legado, a criação de uma nova raça, a qual eles nomearam de airos.

Muitos anos se passaram e os airos cresceram em número. Eler e Eron tiveram mais de vinte filhos e seus filhos também formavam casais e tiveram filhos.

Os airos eram todos muito parecidos, com o mesmo porte físico, cor de pele e olhos vermelhos. Eram fortes, ágeis e implacáveis, muito mais do que seus pais e avós, não tinham uma longevidade tão grande quanto os elfos, mas viviam três vezes mais que um humano.

Depois dos primeiros filhos dos gêmeos, a caverna era pequena demais para eles, então saíram e ocuparam toda aquela região de Urthas que era uma enorme floresta de mata tão fechada que a luz do sol não alcançava o chão. Eles acabaram por adotar aquele tipo de vida, já que não podiam viver onde o sol alcançasse. Por terem seus olhos sensíveis à luminosidade, eles tinham hábitos noturnos e dormiam durante o dia em cabanas construídas em cima das árvores onde encontravam segurança.

E assim, os airos cresceram e se multiplicaram naquela floresta por séculos, mas sempre se protegendo e aguardando uma noite serem encontrados por Lly-Helel ou pelos elfos. Estavam sempre no aguardo, treinando, sobrevivendo, se preparando.

CAPÍTULO 4

DIVIDIDOS, MAS JUNTOS

Quando Eler e Eron Faleceram, no ano de 3978 do calendário humano e 6237 do calendário élfico, os airos se dividiram em dois grandes grupos, os Elers e os Erons, mas nunca houve nenhum tipo de rixa ou intriga entre as duas tribos, apenas dividiram-se por questões culturais. Os elers eram, em sua maioria, vegetarianos, agricultores, estudiosos, adoravam música e criavam seus instrumentos. Os erons eram carnívoros, gostavam de caçar e de se aperfeiçoar na arte da guerra e produção de armas artesanais. Os elers assumiram o idioma toren'ni como seu principal idioma e os erons fizeram o contrário, assumindo o orlenim como principal idioma. O mesmo fizeram com os calendários, os elers assimiram o élfico, e os erons, o calendário humano. Até aquele momento, eles tinham três feriados anuais: O aniversário de Eler

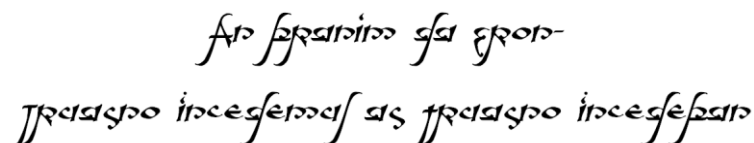
e Eron que era no dia 16 do mês valare-muno no calendário humano e dia 34 do mês Ínla no calendário élfico; a fundação de Urthas que era no dia 2 do mês garpal e dia 30 do mês iretugesu nos calendários humano e élfico respectivamente; e o aniversário de Jisi Tasgrunsun que era no dia 12 do mês arkan-muno e dia 10 do mês carcún.

As duas tribos se equilibravam e ajudavam uma à outra. Os elers ensinavam os erons sobre aritmética, geometria, astronomia, geologia e ciências em geral. Enquanto que os erons ensinavam aos elers técnicas de combate, estratégia de guerra e preparação física.

Os airos se tornaram uma raça muito poderosa, pois tinham a força física dos homens e a agilidade dos elfos. Sabendo que uma noite eles poderiam ser atacados, produziram suas armas e armaduras que eram resistentes e pequenas possibilitando maior movimentação aproveitando sua agilidade. Também produziram um elmo diferente que tinha uma aba apontada diagonalmente para o chão de forma que, mesmo sob claridade, deixasse os olhos deles sempre na escuridão.

Nomearam os mais sábios e fortes dentre eles para formar uma espécie de líderes políticos que tomavam decisões visando sempre o equilíbrio e a segurança de todos os airos.

Com o tempo, desenvolveram crenças e simbologia própria.

Faziam cultos a cada troca de lua e a amavam como uma divindade, mesmo sabendo que era apenas mais um astro no céu cheio deles, além disso, odiavam o sol, pois não o suportavam. Essas ideologias ramificaram outras religiões. Alguns acreditavam que a lua e o sol eram realmente divindades, o sol vinha castiga-los e a lua vinha acaricia-los. Outros eram completamente céticos e não acreditavam em nenhum tipo de força vital superior além das que já vivem nesse mundo. Apesar de toda diferença de crença que se desenvolveu entre eles, as opiniões entre si eram respeitadas e nunca contestadas, pois acima de tudo, eram sábios.

Depois de anos estudando simbologia, criaram símbolos para quase tudo como estrelas, árvores, vida, morte e até mesmo símbolos para sua própria raça e família. E criaram brasões de famílias os quais alguns orgulhavam-se e outros achavam supérfluos. Os elers adotaram um brasão com os dizeres: "*An branim da Eler, misdacandas y misradacantruns"* que significava: "Em nome de Eler, descendemos e transcenderemos".

Assim se escrevia:

An branim da Eler-

misdacandas y misradacantruns

Já os erons, adotaram um brasão com os dizeres: “Em nome de Eron, Nossa maldição é nossa benção” no brasão era escrito em orlenim, mas alguns erons ainda preferiam o idioma toren’ni e nesse idioma a tradução do lema era: *“An branim da Eron, Truasno íncedemul as truasno íncedeban”.*

E assim se escrevia:

No ano 4247 do calendário humano e 6506 do calendário élfico, os airos já estavam a quase cinco séculos vivendo em Urthas, já estavam numerosos demais para aquela floresta e resolveram se separar. Os airos da família Eler decidiram sair daquela floresta e lançaram batedores a procura e outra grande floresta que pudesse ser seu novo lar. Procuraram por muito tempo até achar uma floresta de seu gosto e só encontraram no extremo Sudoeste de Meradd quase na divisa com Muhoselt, território do imperador Lly-Helel. Era arriscado, mas a floresta era ainda mais densa que a atual, portanto poderiam se esconder melhor.

Na época em que Trivus e Laya se exilaram em Meradd, a fronteira era apenas um rio raso, mas dois séculos depois, houve um enorme terremoto naquela área formando um grande rio entre os dois países.

Ninguém havia feito ainda uma ponte que ligasse Muhoselt e Meradd. Então julgaram seguro e decidiram ir.

– Fazemos questão de escoltá-los – disse Jisi Tasgrunsun o primogênito de Eler e Eron que ainda vivia naquela época, embora muito idoso. Era considerado o patriarca de todos os outros e era o único considerado pertencente das duas tribos. Mas devido sua idade avançada, decidiu permanecer naquela floresta com os erons. Os elers já estavam todos preparados para partir e o líder mais idoso deles, Juhi Davar, que era neto de Jisi, aceitou a escolta.

Jisi nomeou trezentos dos melhores guerreiros erons para a escolta sob a liderança de Chipa Rido, uma airo fêmea jovem, forte e de extrema confiança.

Chipa foi ter com Juhi para discutir a forma da viagem.

– Acredito que a melhor forma é viajarmos em fila tripla e misturando as tribos. – dizia ela – Nós vamos à frente com dez batedores, oriente a todos que se verem ou ouvirem qualquer coisa que ameace ou dificulte a passagem, deve ser reportado imediatamente a mim.

Juhi consentiu com a líder da escolta e em seguida, deu ordens e delegou funções a outros líderes, mas antes de partir, Juhi se despediu de seu avô.

– Adeus vovô, acho que não nos veremos mais.

– Também acho. Que a natureza te abençoe e que a sabedoria de Eler e Eron esteja sobre você.

– Muito obrigado por tudo. Eu te amo.

– Também lhe amo. Agora vá, não se preocupe comigo.

Juhi saiu da presença de Jisi e foi para a frente da fila que já se formava.

Assim, eles partiram como ordenado por Chipa que ia encabeçando a grande fila enquanto os batedores iam à frente montados em avestruzes, pois eram rápidas. Os mais idosos usaram elefantes como montaria, mas a grande maioria ia a pé, pois não havia equinos naquela região.

Juhi Davar, que montava um elefante junto com outros três idosos, ia à frente logo atrás de Chipa Rido.

– Estou preocupado com Jisi. – disse ele para Chipa.

– Todos estamos. – respondeu ela – Muitos dos seus filhos e netos já faleceram de velhice, ele vive a quase o dobro de anos da maioria dos airos. Creio que a qualquer momento ele partirá.

– Eu não queria partir antes da morte dele, mas a muito estamos protelando essa viagem.

– Sim, mas não precisavam partir. Alguns erons se sentem culpados.

– Não devem sentir-se assim. Os recursos naturais dessa floresta logo serão escassos se continuarmos a nos multiplicar nesse ritmo. Dividindo as duas tribos é a única solução. Estamos partindo de bom grado e por vontade própria. Queremos explorar algo novo.

– Estou ciente disso, mas a verdade é que não queríamos nos separar. É como ver um filho saindo

da sua casa para começar sua própria família. Queríamos ficar juntos para sempre.

– Entendo, mas creio que em verdade, nunca nos separaremos. Continuaremos mantendo contato com viagens e visitas. E caso uma das duas tribos necessite, a outra responderá sem falta.

– Tenho certeza disso. – disse Chipa voltando seus olhos para o horizonte.

A travessia era prevista para durar quatro meses, pois tinham que caminhar vagarosamente devido a crianças e idosos que necessitavam de repouso frequente, armavam tendas para passar o dia sempre próximo de árvores ou formações rochosas, mas era impossível esconderem-se, pois eram muito numerosos. Durante a noite, caminhavam o mais rápido possível. Às vezes encontravam animais que podiam caçar e comer, assim faziam os carnívoros, mas a maioria ali era vegetariana, comiam frutas, raízes, e tudo que a terra provia a eles, mas havia noites que nada encontravam para comer, ainda assim não desistiam da viagem e continuavam seguros de chegarem ao destino.

Partindo de Urthas, eles passaram por entre as montanhas até atravessa-las chegando a Vunduv, o antigo lar de Trivus e Laya, seus descendentes. A casa em que eles moravam não mais existia, foi destruída pelo próprio tempo, pois naquele ano já havia se passado 467 anos que Trivus e Laya haviam falecido.

Seguiram a viagem para sudoeste, depois sul em linha reta para seu destino.

– Enfim chegamos. – disse Juhi – Essa viagem foi a pior situação que passamos em nossa longa vida.

– E esperamos que não haja situação pior. – respondeu Chipa.

– Quer entrar para tomar um chá? – brincou Juhi.

– Claro, mas só se encontrarmos uma valeriana.

Os dois riram um pouco para descontrair e esquecer um pouco do extremo cansaço que estavam sentindo.

– Graças à lua que não encontramos nenhuma adversidade maior que a claridade castigante do sol durante a viagem. – disse Chipa.

– Mas foram quatro meses de viagem, houveram noites em que eu achei que não chegaria até aqui.

– Mas aqui estamos. Vamos entrar na floresta e explorar seu novo lar.

– Já me deu uma ideia para batizar o lugar.

– Novo Lar? *Vinoa gurhi?*

– Sim, chamarei esse lugar de Noagurh. E a partir de hoje, declado um novo feriado nesse dia 9 de rinacur no calendário élfico e dia 18 de har-mero no calendário humano: a fundação de Noagurth.

Todos estavam exaustos da viagem e tão logo que entraram na floresta, já trataram de prepararem algo para comer e descansar á sombra das grandes e antigas árvores que ali fechavam o céu.

Algumas noites depois, durante uma exploração no extremo sul de Noagurh, os airos encontraram uma cavalaria selvagem, Não conseguiram contar, pois

havia mais de uma, talvez duas centenas de cavalos de grande porte e estavam deitados sobre a relva. Os airos logo correram para reportar aos líderes.

– Verdade? Tem certeza? – perguntou espantado Juhi para o airo que trouxe a notícia – Incrível, será a primeira vez que teremos contato com esses animais, só conhecemos pelos pergaminhos que Eler e Eron escreveram.

– E na verdade, nem mesmo eles chegaram a ver um cavalo. – disse Chipa – Somente Trivus e Laya tiveram contato com tal animal. Acho que podemos domar essa cavalaria e levarmos alguns conosco para Urthas.

– Sim, cavalos se reproduzem rápido, – disse Juhi – em poucos anos poderão ter uma razoável cavalaria. Nós também faremos bom uso e trataremos muito bem os que ficarem.

– Naturalmente. São animais incríveis, estou ansiosa para vê-los.

Então foram para o sul testemunhar a cavalaria e ao chegarem lá, vislumbraram a imponência de seres tão belos.

Jihu aproximou-se sozinho dos cavalos e esses mantiveram-se firmes, mas estavam desconfiados. Chipa sussurrava para Jihu retornar, pois era perigoso, mas ele continuou avançando com cautela. Aproximou-se de um dos cavalos e calmamente ergueu sua mão esquerda em direção à cabeça do animal que permitiu a aproximação. Com muita calma, Jihu encostou sua mão no equino e sem demora começou a acariciá-lo. Outro cavalo

aproximou-se, parecia estar interessado em conhecer o airo que também o acariciou. Jihu fez sinal aos outros que vagarosamente aproximaram-se e cada um conseguiu ter contato com os cavalos. Estavam sorrindo uns para os outros e sentiam que os cavalos também estavam gostando. Ao retornarem para a floresta, estavam maravilhados por terem sido aceitos pela cavalaria, pois em seus pergaminhos, diziam que cavalos selvagens eram ariscos e poderiam até ser hostis.

Na noite seguinte, foram novamente visitar os cavalos, dessa vez com mais airos e levavam comida, frutas que foram bem aceitas pela cavalaria.

As visitas continuaram nas noites seguintes até terem confiança para arriscarem montar nos cavalos. Alguns eram difíceis, mas a maioria permitiu que os airos os montassem. Em poucas noites, eles tornaram-se completamente confiáveis aos cavalos. Aquela foi uma das maiores felicidades que os airos tiveram em suas vidas.

Algumas noites passaram-se e os elers já estavam completamente alojados em seu novo lar. Casas nas árvores, ferrarias e poços já estavam prontos para começar sua rotina.

Foi quando os airos erons, já completamente descansados da viagem, decidiram retornar para Urthas.

– Podem ficar com os elefantes, – disse Chipa para Juhi – pois queremos fazer um retorno rápido com os cavalos.

– Sim, façam uma boa viajem. Que a natureza os abençoe e que a lua os proteja.

Após as despedidas, os erons foram para o sul se encontrarem com os cavalos e lá chegando, eles escolheram cerca de cem cavalos e os montaram, cada cavalo carregava dois airos e havia ainda os avestruzes que trouxeram, de forma que nenhum airo precisou viajar a pé.

O retorno foi realmente rápido, em duas semanas já estavam de volta a sua velha floresta e os dois grupos de airos ficaram separados, mas faziam visitas frequentes um ao outro em pequenos grupos, pois por mais que fossem diferentes, sabiam que eram irmãos e nunca houve intriga ou discriminação entre si. Continuaram a compartilhar suas produções de comida e armas, informações e livros que eles escreviam. Sempre fazendo viagens noturnas e discretas entre Urthas e Noagurh.

Essa situação permaneceu por mais de um século.

CAPÍTULO 5

A CAMPANHA ELFA

O ano era 4410 no calendário humano e 6669 no calendário élfico. Os airos subestimaram o poder de influência de Lly-Helel, pois este comandava até mesmo raças de seres aquáticos. Uma dessas raças eram os sahuagins, uma espécie de peixe humanoide que viviam em água doce, mas também conseguiam andar sobre a terra.

Alguns sahuagins, a serviço do imperador, patrulhavam os rios de Muhoselt e Meradd e adentraram a floresta de Noagurh, nela, eles não viram ninguém, pois os airos estavam escondidos em suas casas camufladas nas árvores, mas conseguiram perceber pequenas pegadas que eram das crianças airos que não souberam cobrir muito bem seus rastros. Os sahuagins, ignorantes sobre qualquer civilização naquele local, logo acharam muito estranho, nunca conheceram alguém com pés tão

pequenos, gnomos, talvez, mas estavam muito longe das terras desses seres. Confusos, começaram a retornar, mas no caminho, um dos sahuagins viu algo. Eram moitas estranhas como se fossem colocadas ali de propósito, o ser aquático se aproximou e viu que o mato estava arrancado e colocado ali para esconder um buraco, era uma fonte, rústica e mal feita, mas talvez assim o era de propósito, pensou ele, mas certamente não foi feita por animais. O sahuagin, muito desconfiado, olhou para todos os lados e até mesmo para cima, mas nada encontrou. “seja o que for está muito bem oculto” pensou ele, e logo os patrulheiros retornaram para o grande rio a fim de levar a notícia para o imperador.

Até onde era sabido, Meradd era uma terra inabitada, portanto, o imperador não tinha interesse nela, mas aquela noticia o fez agir.

Algum tempo depois, Lly-Helel ordenou que construíssem uma ponte entre Muhoselt e Meradd para explorar aquele país. Mandou sondas procurarem por qualquer sinal de sociedades livres, mas nada encontravam.

A procura já durava quase meio século, pois os melhores agentes do imperador tinham negócios em terras mais distantes, mas após tanto tempo, Lly-Helel mandou chamar seu melhor espião, que era chamado de Silian, o Lobo. Um ser que era muito parecido com um lodo de verdade, mas era maior, tinha garras e dentes muito grandes e possuía consciência e habilidade de falar. Ele viajou para Meradd e vagou

sozinho por aquelas terras por alguns anos até que conseguiu perceber que a movimentação noturna na floresta dos elers era maior e por isso os outros batedores não os encontravam, pois procuravam durante o dia. Silian viu vagamente um airo que estava no limite da floresta. Imediatamente voltou com a informação para o imperador.

Naquela época, o imperador estava instalado em Brenim, a antiga cidade élfica. Os elfos ainda viviam ali, mas foram rebaixados a lacaios devido a alguns elfos se rebelarem, Lly-Helel controlava a natalidade dos elfos e os mantinha por perto.

Silian, ao chegar a Brenim, foi direto ao imperador passando pelas sentinelas sem ser contestado, pois este tinha acesso livre o imperador. Ao entrar, o lobo se deparou com uma forma nunca vista por ele. Lly-Helel tinha o poder de mudar sua forma física e aquela nova forma era mais apropriada para aquelas terras. Tinha a pele azul denim, sete chifres pequenos que apareciam somente suas pontas e quanto ao seu corpo, ele mantinha oculto por uma longa capa.

Silian, então diante do imperador, disse que havia encontrado algo intrigante.

– *Ay dinaf'd ginhuteoms eguirnti'g, ym doral.* – disse ele no idioma houndês que era o idioma imperial, todas as raças dominadas pelo império de Lly-Helel eram obrigadas a falar esse idioma.

– *Yhet ear'd ralaimsi's ot namauh's dan fel's.* – continuou o lobo dizendo que os seres que ele viu eram algo parecido com humanos e elfos.

Com tal informação, Lly-Helel conjecturou corretamente imaginando se aqueles seres eram mestiços entre as duas raças.

– *Yerav lelaw, namomsu etuh navele gink.* – disse o imperador mandando que invocassem o rei élfico, que naquela época era Lyoshae, filho de Barishae o antigo rei elfo.

Quando o rei Lyoshae estava diante do imperador, prostrou-se e aguardou suas ordens sem dizer nada.

– *Eruhut ear gineb's ni etuh danal's fo Meradd owuh ay evilbe ear falh-derb newatabe ey dan namauh's. Uhot dan lal fo Ytuh fel's, gonla hitaw etuh fel's marof Galar, hurcam'w tansiag reihut, rafo shit derb si dencasde'd marof rouy's, nhet ti si a malebopar uhot tusm lead hitaw.* – disse o imperador em houndês que traduzindo para orlenim seria: "Há seres nas terras de Meradd que acredito serem mestiços entre vocês e humanos. Você e todos os seus elfos, juntamente com os elfos das terras de Galar, irão marchar contra eles, pois essa raça é descendente da sua, logo é um problema que vocês devem lidar".

Lyoshae apenas consentiu com a cabeça e saiu da presença do imperador. Ao sair do castelo, foi ter com seus capitães que o esperavam no pátio principal. E a eles disse as ordens do imperador.

– *Ew ear hurcam'g ot Meradd ot eatanimle etuh yemane's ta enco.* – disse o rei élfico para seus soldados no idioma houndês quase gritando para que os tanar'ris ali perto pudessem ouvir também. Os tanar'ris eram uma raça bestial vinda dos abismos do sul e não eram uma raça conquistada como os elfos

foram, os tanar'ris vieram do além de onde Lly-Helel veio.

Todos os elfos ali presentes deram um tímido urro de guerra e montando seus cavalos, dirigiram-se para suas casas espalharem a notícia e se prepararem para a guerra.

Horas depois estavam prontos e se dirigiram para os portões da cidade imperial que um dia foi o reino élfico. Lá eles se encontraram com o restante dos elfos de Muhoselt. Todos estavam ali, até mesmo as mulheres e os jovens, pois Lly-Helel ditou em segunda ordem, que absolutamente todos os elfos de Muhoselt devem estar envolvidos nessa campanha.

Lyoshae não gostou nada disso, mas nada poderia fazer, nem mesmo expressar reações, pois os tanar'ris estavam por perto observando as ações dos elfos.

Partiram para o leste em cavalos e correram em meia velocidade. Nada diziam e apenas olhavam uns para os outros e no pensamento de cada um, havia incertezas sobre as escolhas da geração anterior que se curvou ao poder de Lly-Helel.

Já passava da meia noite quando resolveram parar e montar um acampamento para descansar da viajem. Estavam perto de uma floresta e lá adentraram, montaram suas tendas, deram de comer e beber aos cavalos, também comeram pães e ervas e depois foram dormir, mas alguns encontravam dificuldades para dormir e se reuniam em volta de uma fogueira onde Lyoshae também estava. Todos olhavam para ele esperando que ele tomasse alguma atitude que os salvasse dessa campanha. Não tinham medo de

guerra, nem de serem mortos, mas não queriam guerrear contra uma raça que eles nunca conheceram e nunca fizeram mal a eles. Os elfos não eram as raças mais honradas, mas essa situação os consumia, estavam presos, fadados a matar e morrer em nome de quem eles nem gostavam, não eram de confiança para o imperador, e os repugnantes tanar'ris sempre a espreita observando cada passo dos elfos.

– *Al ray Barishae tamantucear ni reímo da jazva, reímo da tigosdes pir barhu ditucapu versar u taas dirrupaam.* – disse um dos elfos em toren'ni, falando sobre a morte do antigo rei élfico, que segundos relatos oficiais, havia morrido de velhice, mas ele tinha certeza que Barishae havia morrido de desgosto por ter aceitado servir Lly-Helel. Muitos criam nisso, mas assim como a raça dos humanos, havia elfos corrompidos e que aceitavam de bom grado as ordens do imperador, mesmo que elas fossem impiedosas e até maléficas. Quanto ao rei Barishae, esse nunca esboçou indícios de sua verdadeira natureza, apenas era claro que tudo o que ele fazia era em prol da sobrevivência de seu povo, não se importando com os outros elfos que não fossem de Brenim.

– *Nigonen da dastaos ceínici u me drapu mici yi!* – disse Lyoshae afirmando que ninguém dali conheceu o rei como ele havia conhecido.

– *Lu teíncoas da rermi cin nirhi i vervebrasi sicloen sen lual ni as vunoa rupu lis fisal. Tiyas diceanhu li qua uréhu me drapu, y sá qua chismo ni bunproau, tataseán brale da tursarda y taramuá tun tiprin mici lis tanar'ris lis trancoanan.* – disse Lyoshae que

traduzindo para orlenim seria: “A dúvida de morrer com honra ou sobreviver mesmo sem ela, não é novidade entre os elfos. Estou fazendo o que meu pai faria e sei que muitos não aprovam, fiquem a vontade para desertar, e sejam mortos assim que os tanar’ris os encontrar.” E após isso, ele recolheu-se para sua tenda e dormiu. Nada mais disseram depois daquilo e foram dormir também.

No dia seguinte, acordaram ainda confusos, mas sem escolha. Desmontaram o acampamento e prosseguiram a viagem que durou três dias até chegarem à ponte que o imperador mandou construir. Era uma ponte larga, batizada de ponte do expurgo, projetada para exércitos passarem sem muita demora.

Cruzando de Muhoselt para Meradd, encontraram os elfos de Galar que os esperavam.

Antes do império de Lly-Helel naquelas terras, os elfos de Galar eram subordinados à Barishae, mas o império dissolveu toda influência política dos elfos, outrossim, os elfos de Galar não mais eram governados por Barishae ou Lyoshae, mas por Lly-Helel, portanto não eram confiáveis, pois já houveram muitas discordâncias passadas entre as duas cidades.

Lyoshae, então, escondeu ainda mais suas expressões de dúvidas durante a viagem. Pouco falavam uns com os outros, apenas trocaram algumas informações, mas Lyoshae percebeu que jovens e mulheres também cavalgavam com o exército de Galar, mas nada disse a respeito disso e seguiram marchando para leste costeando as montanhas à sua direita.

Na noite do segundo dia após o encontro dos dois exércitos, estavam de frente para a floresta dos airos da família Eler. Lyoshae hesitou um pouco antes de entrar na floresta. Àquela altura ele esperava encontrar algum representante, pois certamente os mestiços já estavam cientes de sua chegada. Depois de algum momento, os elfos adentraram a floresta e assim que todos estavam protegidos pelas árvores, Lyoshae ordenou que as crianças, idosos e mulheres que não eram guerreiras, ficassem para não se envolver na batalha, contrariando a ordem do imperador.

Os guerreiros elfos continuaram o caminho pela floresta até que notaram movimentações sutis sobre as árvores. Estavam atentos e com os escudos erguidos temendo flechas. Foi quando de repente, se depararam com um airo parado logo a frente que se mantinha em silêncio esperando o líder dos elfos se manifestar.

– *Am branim dal dirrupaam Lly-Helel, yi,* Lyoshae*, ray da lis fisal, nidacin u tamoar u disti lis zistemas qoéu.* – disse o rei élfico que em nome de Lly-Helel, estava condenando os mestiços a morrerem.

– *Ne ruqoease hus ditutru da niscarnici jirma, trissini, lis airos, qoa misdacandas da vis. Qoa séu usa.* – disse o airo decepcionado pelo elfos nem sequer querer conhecê-los melhor, já que são seus descendentes e lhes informando que o nome da raça era airo e finalizou dizendo: “que assim seja”. Então de imediato, várias flechas vindas das árvores

alvejaram os elfos, fazendo muitos deles tombarem no primeiro ataque. Mas isso não intimidou os elfos, pois confiavam em sua experiência e em sua vantagem numérica que era cerca de sete vezes maior.

A batalha era feita no chão e em cima das árvores, pois os elfos também sabiam utilizar muito bem esse elemento.

Uma longa e exaustiva batalha se estendia por toda a floresta. Os elfos subestimaram os airos que eram bem treinados, velozes e vigorosos, pois somavam a agilidade dos elfos com a força dos humanos e assim derrotaram muitos elfos, mas estes tinham mais experiência em combate real, portanto a batalha estava equilibrada.

Em verdade, dessa batalha não houve vencedor. Pouquíssimos sobraram das duas raças, ao final, sobraram dez elfos de Brenim e nenhum de Galar e sobraram vinde airos que estavam em posição de vantagem com suas armas apontadas para o pescoço dos elfos fazendo com que eles se rendessem.

– *Tias ni urébada barhu direcori, dastaos sin trisnoas nismuhar, unrébada sabarhu dineo u trissini trucin Lly-Helel!* – disse Gremma, uma dos airos sobreviventes que traduzindo para orlenim seria "*Isso não deveria ter acontecido, vocês são nossos irmãos, deveriam ter se juntado a nós contra Lly-Helel!*".

Mas Lyoshae, que estava entre os elfos sobreviventes disse que não poderia ir contra o imperador, mesmo que quisessem, pois do contrário, seriam dizimados, estavam fazendo isso por sobrevivência. E disse isso ainda em toren'ni:

– *As blasepiem er trucin al dirrupaam, sicloen se misraqua, da li iretrucin misurésa dismudeaz, li miscehe rupu vervebrasi.*

– *Grun ucevanveparso! Ruhiu túsas digoetenax, mici trissini.* – disse Gremma com sarcasmo que foi uma "grande sobrevivência, pois agora eles estavam em extinção, assim como os airos".

Isso fez Lyoshae enfim se arrepender de ter acatado as ordens do imperador, pois isso os levou a ruína e a vergonha. Eles poderiam ter sido mortos antes pelo imperador, mas ao menos morreriam com honra, agora Lyoshae tinha certeza disso.

– *Rámufiren ul dirrupaam qua disti dastaos runreamo.* – disse Lyoshae que reportaria ao imperador que nenhum airo havia sobrevivido.

Os airos então permitiram que os elfos sobrevivessem. Baixaram suas armas e Gremma fez um sinal para que os dez elfos sobreviventes partissem da floresta. E assim o fizeram a fim de voltarem para a fortaleza imperial de Muhoselt. Enquanto os airos caíram sobre seus joelhos em lágrimas pelas perdas nessa guerra.

Quando Lyoshae encontrou os não guerreiros onde os havia deixado, foi recebido com muito espanto e choro. "Onde está meu filho?", "Cadê o papai?", diziam eles aos prantos e Lyoshae teve que explicá-los o que se sucedera na batalha e em seguida, ordenou que apenas três elfos machos fossem com ele até Muhoselt, o restante deveria se refugiar em algum lugar de Meradd, pois não podiam ficar em Muhoselt

e nem partirem para outro continente, pois os mares eram vigiados pelo imperador.

Então eles se dividiram como ordenado, despediram-se de seu rei e rumaram ao leste, enquanto Lyoshae e dois elfos seguiram para oeste até encontrarem a grande ponte. Mesmo estando a cavalo, não viajavam com pressa, paravam varias vezes para descansar protelando o máximo possível o encontro com o imperador dando tempo tanto para que os outros elfos encontrassem um lugar, quanto para os airos sobreviventes se organizarem e saírem daquela floresta.

Levou mais de duas semanas para os três elfos chegarem à fortaleza e foram de encontro ao imperador passando por um caminho conturbado onde eram ridicularizados pelas raças demoníacas que dominavam aquele lugar.

De frente para o imperador, Lyoshae entregou-lhe o falso resultado da batalha, que apenas os três sobreviveram, mas mataram todos os airos.

Lly-Helel considerou que esse resultado foi satisfatório, ele não se importava nem um pouco por sobrarem tão poucos elfos, ele só queria que os airos estivessem todos mortos e também ficou feliz por terem sobrado apenas elfos machos, pois não poderiam mais se procriar.

Lyoshae escondeu seu ódio por Lly-Helel e saiu da presença do imperador. Na saída, os três elfos acompanharam o rei elfo até sua casa.

– *Qia miscahu rahiu, me ňirsa?* – Perguntou um dos elfos ao seu senhor o que deveriam fazer a seguir.

– *Ni ma masllu ňirsa, siy nuo ceugrudas rupu lis fisal.* – disse Lyoshae para que não mais o chamassem de senhor, pois ele sentia-se uma vergonha para os elfos. Os outros dois elfos entreolharam-se sem dizer nada, mas percebiam o arrependimento do rei elfo.

Após algum tempo, Lyoshae tramou uma fuga para Meradd e encontrar os refugiados, era arriscado, mas a morte era melhor que o resto de suas vidas naquele lugar miserável.

No dia seguinte, eles partiram com seus cavalos até o portão.

– *Ew ear no a niosmi rafo etuh eirpem'r!* – disse Lyoshae ao guardião alegando que estavam em missão para o imperador. O guardião, desconfiado, ordenou que seu ajudante fosse correndo até Lly-Helel para confirmar. E no instante em que o guardião estava só, Lyoshae esperou que o tanar'ri desviasse seu olhar a fim de procurar seu ajudante, quando este o fez, o rei elfo o perfurou com sua espada na altura do coração fazendo-o morrer em instantes. Sem tempo a perder, eles galoparam rumo a leste.

Quando o ajudante retornou, viu seu superior morto e correu novamente até o imperador para relatar o ocorrido, mas este pouco se importou. Para Lly-Helel, os elfos já não lhe serviam mais.

CAPÍTULO 6

A SOMBRA DA GUERRA

Após a batalha de Noagurh, os vinte airos sobreviventes juntaram-se com os jovens e idosos que não haviam participado da batalha e estavam escondidos ao sul da floresta. Depois de cremarem os corpos dos mortos, eles partiram para o sul para encontrar os cavalos. Cada um montou em um cavalo e partiram para Urthas para ter com seus irmãos.

Quando os elers chegaram à Urthas, foram recebidos com espanto. Eles chamaram os anciões erons para relatar os acontecimentos.

– Os elfos de Muhoselt invadiram a nossa floresta. – disse Gremma para os anciões que além de espantados, estavam muito tristes.

– Seu número era muito superior ao nosso, Eles foram a mando de Lly-Helel, que enfim nos descobriu. – continuou ela – Mas ao fim da batalha,

sobraram dez elfos, libertamo-os quando eles juraram informar ao seu imperador que nenhum airo havia sobrevivido à batalha. Nada dissemos sobre a nossa divisão em duas famílias, nossa esperança é que eles pensem que não existam mais airos além de nós.

– Nossa preocupação no momento é sobre vocês, sobreviventes. – disse um dos anciões – Devemos agora ampará-los e assegurar que vocês fiquem bem, pois agora vocês são os últimos elers.

– Isso é imperdoável. – disse outro ancião enfurecido – Devemos retaliar essa afronta.

– Ainda não. – disse outro – Devemos nos preparar para uma possível guerra, pois é certo que Lly-Helel mandará sondas para ter certeza de que todos os airos estão mortos, e certamente nos encontrarão aqui.

– Se é certo que nos encontrarão, então devemos nos mudar para terras mais longínquas. – disse outro ancião.

– Talvez, mas há risco de sermos descobertos em plena viajem, o que é pior. – disse o mais idoso dos anciões – Devemos permanecer aqui e preparar armadilhas e usar nosso território a nosso favor, a céu aberto seriamos subjugados facilmente.

O restante concordou com isso e assim que aquela reunião terminou, já começaram os preparativos para a guerra que viria.

A noite estava terminando quando Gremma estava sentada em uma grande pedra ao sul de Urthas. Entristecida, lacrimejava em meio a seu ódio por Lly-

Helel, mas logo secou suas lágrimas para escondê-las de alguém que se aproximava por trás.

– Posso me sentar aqui? – perguntou uma airo de idade avançada. Era Chipa, a airo que escoltou os elers até Noagurh quando jovem.

Gremma nada respondeu, mas Chipa sentou-se mesmo assim.

– Quantos anos você tem? – perguntou ela.

– Velha o bastante para ter certeza dos meus sentimentos e convicta do que devo fazer. – respondeu Gremma com expressão pouco amistosa.

– Não foi isso que eu quis dizer. Eu só queria saber se você conheceu Juhi Davar

– Juhi? Sim, eu o conheci. Eu tinha apenas vinte e cinco anos quando ele faleceu. Ele foi muito bom para mim. Em verdade, ele era muito bom para todos. – respondeu Gremma finalmente baixando seus escudos e fazendo-a desviar seus pensamentos de ódio para uma doce lembrança e com isso, quase sorriu.

– Eu escoltei os elers para Noagurh a mais de um século e meio. – comentou Chipa – Eu conhecia Juhi um pouco, mas foi na viagem que nos tornamos realmente amigos. Os cavalos que hoje temos aqui, eram originalmente de Noagurh, nós os encontramos e juntos conseguimos ganhar a confiança deles. Hoje pode ser normal conviver com eles, mas naquela época nunca havíamos visto um cavalo. Foi uma experiência inesquecível.

– Deve ter sido mesmo. – disse Gremma agora olhando para Chipa e a reconhecendo – Oh! Você é uma das anciãs! – exclamou ela espantada e sem

demora fez uma reverência colocando a mão esquerda à altura do coração e baixando a cabeça, uma reverencia comum aos airos para saudar alguém respeitável.

– Gostei de você. – disse Chipa – Faz-me lembrar de minha juventude. Implacável, selvagem, às vezes até furiosa. Eu queria ter certeza de que eu estava fazendo a coisa certa para todos. Mas apesar de muito incisiva, era muito insegura. A aprovação dos anciões era fundamental. Hoje, anciã, vejo que cometi muitos erros e a maioria deles por tentar agradar os anciões. Outros por agir impulsivamente. E é exatamente esse erro que estou aqui para falar.

– Você acha que farei alguma besteira por ódio. – completou Gremma o raciocínio de Chipa.

– Nas histórias contadas nos pergaminhos de Trivus, ele relata que era comum os humanos tomarem decisões erradas e agir por impulso resultando em catástrofes. Bom, os humanos também são nossos ancestrais e podemos individualmente herdar características como essas.

– Não farei besteira alguma.

– Eu não disse que fará, estou dizendo para sempre pensar melhor antes de agir. É inerente a nós que pensemos em si próprios, mas as melhores pessoas são as que igualmente pensam nos outros, e dentre esses outros, pensam primeiramente nas que menos tem e por último as que mais tem. Assim construímos essa sociedade.

– Sim, acalmarei meus pensamentos e buscarei sempre a melhor decisão. – disse Gremma após refletir um pouco.

– É ótimo ouvir isso. – Chipa fez uma pausa – Tem algo mais. Os elers sobreviventes, incluindo você, partirão de Meradd.

– O QUÊ? – indignou-se Gremma levantando-se – não permitirão que eu vingue minha família? Meus amigos?

– Acalme-se. Se há algo que não permitiremos, é que os elers, depois de passarem por essa terrível batalha, tenham que enfrentar outra.

– Nem ao menos temos certeza de que haverá outra batalha. Se os elfos realmente fizeram o prometido, Lly-Helel provavelmente não nos procurará.

– Mesmo que os elfos tenham honrado a promessa, não creio que o imperador irá deixar de sondar Meradd novamente. Temos certeza de que Urthas será atacada.

– Então quero estar aqui para...

– Não! – interrompeu Chipa – Não torne isso tudo ainda mais difícil.

Gremma baixou sua cabeça e aceitou que não poderia participar daquela batalha. Chipa partiu dali deixando a aira absorver toda aquela conversa.

No dia seguinte começaram os preparativos para a viagem dos elers para o norte. Além dos elers, outros dez erons entraram no grupo para ajudar na viagem e

quando encontrassem um local adequado para viver, esses dez retornariam com a localização.

Os vinte partiram supridos com agasalhos e comidas e a cada um foi dado um cavalo. Ao subir em seu cavalo, Gremma olhou para trás e fez um sinal positivo com a cabeça para Chipa que de mesma forma respondeu.

Partindo de Urthas, os airos foram seguindo as montanhas em sentido leste até chegar ao limiar da região montanhosa circundando-a em sentido norte até chegarem ao estremo noste do país. Esse trajeto levou duas semanas para ser feito e naquele ponto, podiam ver ao norte, montanhas e uma parte onde as montanhas cessavam abrindo um caminho para algo que não era possível ver dali. Intentaram ir até lá, mas não podiam avançar, pois o caminho à frente era uma planície aberta e já era dia, estariam expostos demais. Decidiram acampar.

No fim do dia, retomaram a viagem rumando para o norte de encontro ao mar, mas o caminho não foi simples. Tiveram que desviar de um pântano, retardando a viagem em mais três dias dos sete que foram necessários até chegarem ao local em que as montanhas abriam caminho. Era uma praia flanqueada por desfiladeiros. Havia barcos encalhados no canto direito da praia e notaram que havia pegadas inumanas na areia.

– Fiquem atentos! – alertou Gremma aos seus companheiros – Provavelmente são sahuagins.

Os airos tomaram uma posição defensiva em circulo de forma que não houvesse ponto cego. Sem

demora um sahuagin saiu de dentro de um dos barcos.

– Oh! Então nos conhecem, mas nós não os conhecemos. – disse a criatura aquática com voz afogada como se sua garganta borbulhasse.

– Quem é o seu senhor?

– Meu senhor é o mesmo que o seu, pois ele é o senhor de tudo que vocês conhecem.

– Falas de Lly-Helel?

– IMPERADOR! – vociferou o sahuagin – Nenhum não-shamut deveria chama-lo pelo nome.

– Shamut?

– Ah! Vejo que são ignorantes. Então lhes darei uma chance. Ajoelhem-se e proclamem o imperador do além como seu senhor e terão uma vida próspera, porém amarga. Neguem, e morrerão agora mesmo.

Gremma fingiu que se ajoelhava enquanto pegava uma adaga em sua bota e a arremeçou em direção ao sahuagin acertando-lhe o olho esquerdo. Quando o ser aquático caiu desfalecido, outros sahuagins pularam de seus esconderijos atacando os airos com cuspes de água com péssimo odor, não era fatal, mas causava náuseas e um terrível mal-estar. Alguns airos estavam tontos com aquela substância, mas não ficavam parados evitando se tornarem alvos fáceis. Sem demora desembainharam suas espadas e avançaram contra os agressores que eram resistentes quando atingidos na cabeça e nas escamas. Era necessário encontrar pontos de seus corpos sem proteção de escamas, mas esses pontos eram protegidos com vestimentas de couro espesso. Então

golpeavam fortemente até suas vestimentas romperem e deixar exposta seus pontos fracos, mas os sahuagins tentavam impedir atacando com mordidas de suas presas gigantes que podiam arrancar um membro. A batalha terminou com vitória dos airos, pois eram muito ágeis e desviavam das invertidas dos inimigos que eram desengonçados. Mas um dos airos recebeu uma grave mordida no pescoço. Nada podiam fazer, olharam uns para os outros com tristeza, pois já sabiam que ele não sobreviveria. Frilo era seu nome e ele pediu a mão de Gremma. Com muita dificuldade agradeceu por viver ao lado dela.

Gremma lacrimejou e cogitou acabar com seu sofrimento, mas antes disso, Frilo faleceu apertando a mão de Gremma. Ela olhou para os outros e pediu que encontrassem lenha para cremarem Frilo.

Quando a pira estava pronta, Gremma lacrimejou novamente ao atear fogo no corpo de seu amigo.

Depois de algum tempo, decidiram prosseguir. E foram averiguar os barcos encalhados. Havia trinta barcos, cinco deles estavam destruídos e os outros estavam danificados. Usaram então a madeira dos barcos destruídos para reparar os outros. Trabalho que levou duas noites para ser concluído.

Era início da noite, os barcos estavam prontos, ventava forte no sentido sudoeste. Gremma estava de frente para o pequeno memorial para Frilo, os outros airos já estavam a esperando nos barcos.

– Adeus amigo. – despediu-se ela com poucas palavras partindo para um dos barcos e sem demora,

partiram no sentido do vento sem saber onde iriam chegar, mas confiavam em seus extintos.

Em poucas horas tiveram prova de que seus instintos estavam corretos. Era possível ver no horizonte, um aglomerado de montanhas. Gremma fitava as montanhas com esperança de encontraram um pouco de paz depois das tragédias que tiveram que enfrentar, mas sabia que estariam para sempre em guerra.

CAPÍTULO 7

OBSESSÃO

Silian, o lobo, sondou as terras de Meradd por três anos procurando por mais airos, sua competência como rastreador era tamanha que nesse tempo ele já sabia para onde os elfos haviam fugido, encontrou uma tribo indígena selvagem no sul do país e sahuagins não dominados no leste. Nada disso o interessava, embora era certo que ele entregaria essas informações ao seu mestre. Quando chegou ao norte de Meradd, viu as espinhas de sahuagins mortos na pequena praia onde houve a batalha com os airos. Silian, com muita dificuldade, conseguiu rastrear o caminho dos airos até as montanhas, passando por elas até a extensão leste da floresta de Urthas, naquele ponto não havia airos, Silian tinha que decidir qual caminho seguir. Através de seus sentidos ampliados, pôde farejar algo familiar a oeste. Confiando em seus sentidos, partiu para aquela direção. Ele sabia que os

airos tinham hábitos noturnos, portanto não ousava avançar durante a noite. Até que, em fim, encontrou dois airos patrulhando a extremidade leste de sua sociedade. Silian escondeu-se e esperou que eles retornassem. Quando o fizeram, o lobo recuou subindo a montanha a sua direita para ter uma visão superior da extensão da floresta e percebeu que era imensa. Partiu para oeste ainda pelas montanhas até chegar ao início da floresta, ação que exigiu quatro dias, pois tinha que subir e descer várias montanhas. Naquele ponto, também pôde perceber movimentação nas árvores. Com um rosnado descontente por perceber o número do inimigo, partiu para sudoeste até a grande ponte do expurgo e retornou para Brenim.

Era fim de tarde quando o tanar'ri sentinela avistou um grande lobo correndo na direção do portão. Logo tratou de abrir um lado do portão, pois já havia reconhecido Silian que passou em alta velocidade sem nada falar com ninguém, tinha apenas os olhos fixos na porta de entrada do castelo do imperador.

O tanar'ri que guardava a parta do castelo esperou Silian aproximar-se para interroga-lo antes de entrar na presença do imperador. Silian foi obrigado a parar abruptamente para responder à sentinela.

– *Ytas tou fo ym hatap!* – disse Silian em tom ameaçador para o asqueroso tanar'ri para que saísse da sua frente. Mas a sentinela insistia em interrogar o

lobo para então permitir a sua passagem, mas antes mesmo que a besta pudesse o ameaçar mais uma vez, outro tanar'ri abriu a porta por dentro. Silian constatou que não era um tanar'ri qualquer, ela Balor, o rei dos tanar'ri. Era horrendo de se vislumbrar e empunhava um chicote de espinhos o qual usou para arrancar a cabeça da sentinela que impedia a passagem do lobo.

– *Ratene kicuq, etuh eirpem'r taiwa ehet.* – disse Balor à Silian que entrasse logo, pois o imperador já o aguardava.

Quando diante de Lly-Helel, o lobo baixou sua cabeça antes de relatar sua aventura, no qual consistia em revelar tudo o que encontrou em Meradd, inclusive a localização dos elfos, mas essa informação não interessou o imperador, ele queria logo a informação sobre os airos. Silian relatou a localização, a extensão de Urthas e seus acessos.

Lly-Helel recebeu essa notícia com entusiasmo e alegrou-se novamente com a competência de Silian. Tal era esse entusiasmo que recompensou o lobo aumentando sua patente de comando. Silian era da classe "Krator" e a partir dali, ele elevou sua classe para "Eksousia", que segundo as patentes imperiais, seria a classe máxima que um shamut comum poderia chegar. Acima dos eksousias, havia a classe "Ark", que era concedido apenas aos consagrados deuses do além. Eksousia também era a classe de Balor e Marilith, rei e rainha dos tanar'ris. Isso fez com que Silian se enchesse de orgulho, pois inicialmente ele

era da classe "Atikos", a mais baixa patente dentre os shamut.

O lobo saiu do castelo de Brenim em busca de um merecido recanto para descansar, mas não sem antes procurar uma taverna para comer alguma carne e talvez provocar alguma briga.

Enquanto isso, Lly-Helel, após refletir, ordenou que convocassem trolls, goblins, orcs e golens que também eram raças livres que foram dominadas pelo império. Convocou raças diferentes para que não houvesse uma drástica redução populacional entre eles, pois diferente dos elfos, eram de maior confiança para o imperador. Esses seres submissos, faziam parte o exército imperial, mas não eram tratados como parte da horda, o exército do além, eram chamados de "ruek", um diminutivo da palavra "ruekanco'r" que significava "conquistados" em houdês.

Meses passaram-se até que finalmente o exército estava reunido em Muhoselt ocupando toda a planície que havia nos arredores de Brenim. Estavam todos separados e organizados em suas raças formando pelotões.

Lly-Helel estava sobre o muro em uma rara aparição pública, estava em pé na parte mais elevada do portão onde havia uma plataforma. Ele vestia uma túnica que ocultava todo o seu corpo exceto sua cabeça que ostentava um aspecto bestial com longos chifres e uma enorme boca, muitos ali não haviam visto aquela forma de Lly-Helel, pois ele estava

assumindo uma forma parecida com um elfo negro, mas aquela nova forma era repugnante a olhos humanos, mas formoso aos olhos tanar'ris.

Com sua enorme boca, que lembrava a de um réptil, o imperador falou com voz de intensidade tal que aqueles que estavam mais à frente, sentiam dores em seus ouvidos.

– *Ay eomac'd to etuh darlow ot ruekanco. Dan eoshut owuh dantas yb em nawi'w sa lelaw. Ey ginrab'w em yortacavi no Meradd dan ay eivag'w ehet eshut danal's dan eoram. Wano og den etuh yortashi fo etuh airos.* – disse ele em houndês que traduzindo para orlenim seria: "Eu vim para este mundo para conquistar. E aqueles que estão ao meu lado, conquistarão também. Vocês me trarão a vitória sobre Meradd e eu lhes darei estas terras e muito mais. Agora vão acabar com a história dos airos".

Com urros de guerra, o exército partiu para leste até a ponte do expurgo.

A viagem até a floresta dos airos era esperada ser muito lenta, pois estavam a pé e os golens, gigantes de pedra, andavam muito vagarosamente, mas tinham a vantagem de não necessitarem dormir, então o restante ia à frente até acamparem para passar a noite e desfaziam o acampamento e continuavam a viagem assim que os golens os alcançavam.

Após quase dois meses de viagem, estavam passando pela ponte, entrando no território de Meradd.

Foi quando Kroshaf, o chefe de guerra orc que era também o responsável por organizar as estratégias de guerra das outras raças, fez uma pausa e desenrolou o mapa que Silian fez de Meradd. Analizando as possíveis rotas, percebeu que a mais próxima entrada para a floresta do airos era segundo para norte, porém a entrada era estreita e perigosa para uma possível armadilha. Ele resolveu seguir para leste até a entrada mais aberta que julgou ser mais segura.

Apesar das raças unidas, cada uma delas tinha seus costumes e preferências, mas todos eram obrigados a tolerar um ao outro por decreto do imperador, o que naquele caso não era tão difícil, pois os goblins, orcs, trolls e golens nunca tiveram desavenças passadas, mas todos eles, com exceção dos golens, já estiveram em guerra com os elfos e perderam, portanto a ideia de tomar as terras dos elfos e vê-los em extinção era mais que o suficiente para aceitarem aquela missão de bom grado. Embora alguns orcs estavam preocupados, pois eram mais inteligentes, diferente dos trolls que eram desprovidos de tal virtude, os golens eram ingênuos e os goblins eram maléficos por natureza. A preocupação de um dos orcs o fez questionar com Kroshaf.

– *Rasé kwa arlenor ynbo fese e nosla xono exonlaxaw xon or atpor?* – disse ele em khorgwun, o idioma dos orcs, perguntando a Kroshaf se não estariam eles indo para a morte como aconteceu com os elfos.

– *Oh! lanor wn enenla ba atpor ekwy.* – respondeu o chefe que tinha ali, um amante dos elfos.

– *Nêo, ner narno obyenbo or atpor, o ynpasebos or lseyw. kwan gesenla kwa nêo pesye o narno xonorxo?* – negou o orc, mas justificou que mesmo odiando os elfos, o imperador os traiu e quem garantia que ele não faria o mesmo com aquelas raças?

– *Or atpor nwnxe posen pyáyr e Lly-Helel, rwdnalaren-ra è ata efaner fese rodsavyvas. Nór nêo, ronor pyáyr e ata foskwa ata nor bé posxe, efoyo, lasser a raxwsror fese nathosesnor norre vybe a norrer esner.* – respondeu Kroshaf que traduzindo para orlenim seria: “os elfos nunca foram fiéis a Lly-Helel, submeteram-se a ele apenas para sobreviver. Nós não, nós somos fieis a ele porque ele nos dá força, apoio, terras e recursos para melhorarmos nossa vida e nossas armas”.

– *Aw ray byrro, eynbe erryn pyxo barxonpyebo ra o kwa exonlaxaw xon or atpor fobasye exonlaxas xonorxo.* – retrucou o orc que ainda desconfiava que o que aconteceu com os elfos, poderia acontecer com eles. Naquele momento, Kroshaf, com um movimento muito rápido, sacou seu machado e decapitou o orc. Todos ali que testemunharam a cena, espantaram-se e pararam de andar por um momento.

– *Neyr etgwán kwas bwvybes bo norro ynpasebos?* – perguntou o chefe se mais alguém ali estava duvidando do imperador. Mas um grande silêncio se fez naquele momento e aos poucos continuaram a jornada, mantendo o silêncio.

CAPÍTULO 8

A GUERRA

A lenta viagem das tropas imperiais levou dez meses até que chegassem à entrada sudeste de Urthas.

Os orcs, trolls e goblins estavam aguardando os golens chegarem enquanto descansavam e comiam, pretendiam estrar na floresta totalmente recuperados da viagem. Quanto aos golens, sua raça não necessitava descansar, e assim que eles conseguiram se reagrupar com os outros, finalmente adentraram a floresta de Urthas quando já passava do meio-dia.

Após alguns instantes de caminhada, já esperavam encontrar algum airo, mas encontraram apenas silêncio. Ouvia-se apenas aves fugindo dos invasores. Continuaram a invasão penetrando a floresta, sempre olhando para o alto das árvores onde puderam perceber estruturas produzidas pelos airos, mas sem a presença deles. Kroshaf ordenou que um goblin subisse rapidamente em uma árvore para averiguar

uma daquelas estruturas, mas nada encontrou. Chegaram a pensar que os airos haviam fugido, mas ainda assim, continuaram entrando mais ao fundo da floresta.

No caminho, o chefe orc ouviu um grito de dor de um goblin, imediatamente sacou seu machado e avançou apenas para encontrar um goblin no chão com o pé machucado por um estrepe.

– *Prat's. Eb lafuerca* – falou Kroshaf a todos em houndês para tomarem cuidado, pois havia armadilhas ali.

Pouco mais adiante vários outros da tropa também foram feridos por estrepes e algumas armadilhas mortais como troncos com estacas que caiam sobre eles e buracos com lanças onde fatalmente caiam um grupo de invasores. Vários morreram antes mesmo de conhecer seus inimigos, mas estavam em grande número, não havia armadilhas o suficiente para suprimir a invasão.

Horas passaram-se e já era fim de tarde quando finalmente perceberam alguma movimentação no topo das árvores. Então Kroshaf ordenou que os goblins, que vieram armados com arcos e flechas, atirassem uma saraivada para o alto das árvores. Todos os goblins que estavam ali cumpriram a ordem, então centenas de flechas alcançaram o topo das árvores de forma pouco organizada. Um instante após, um corpo caiu ao chão. Era um dos airos que alvejado em seu peito, chegou ao chão já sem vida. Enquanto todos olhavam para o desfalecido, Kroshaf olhava para o alto e pôde perceber vozes, uma voz masculina

reclamava de dor por uma das flechas, outra era feminina e lamentava pelo airo caído. Sem necessitar de mais indícios, Kroshaf apoiou um de seus pés sobre o corpo do airo e vociferou com voz grave e intensa.

– *Ta rawa!* – disse ele em houndês ordenando que todos avançassem à guerra.

Os trolls foram à frente com suas massas para derrubar as árvores, mas antes mesmo que pudessem danificar qualquer árvore, os airos avançaram com ataques de flechas. Eram muito mais organizados e eficazes que os goblins acertando fatalmente seus inimigos.

Gareth, um excelente jovem guerreiro airo, estava no comando. Com sua ordem, os arqueiros continuaram a atirar suas flechas contra os invasores. Nesse primeiro ataque muitos orcs e trolls morreram, mas os goblins eram difíceis de acertar, pois seu tamanho pequeno e agilidade descomunal faziam deles, o pior alvo, quanto aos golens, era impossível de derrotar com flechas, seus corpos de rocha eram quase impenetráveis.

– Concentrem-se nos orcs e trolls! – ordenou Gareth e assim a batalha prosseguiu até que os orcs e trolls estavam quase todos mortos, sobraram os goblins e golens. Foi quando Gareth ordenou que os airos atacassem diretamente os goblins com espadas e os golens com lanças. Gareth estava entre eles, sacou sua espada e foi de encontro aos inimigos. Os airos derrotaram os goblins com facilidade, pois sua agilidade era equiparada aos goblins, mas esses não

tinham boa força física. Após isso, atacaram os orcs e trolls sobreviventes da investida com flechas acabando com eles para surpresa de Kroshaf que não esperava um inimigo ainda mais poderoso que os elfos. Gareth digladiou diretamente com Kroshaf que era muito mais forte que os outros orcs, portanto não foi fácil para Gareth, mas o airo, por fim, conseguiu derrotar o chefe dos invasores decapitando-o com sua espada. Sobraram os Golens, esses eram muito mais difíceis de derrotar por sua alta resistência. Ainda assim, a vantagem era dos airos por serem muito mais rápidos que os golens, era necessário muitos golpes de espada para matar um golen, e assim os airos faziam, mas quando um golen acertava um golpe em um airo, era fatal, pois a força física dos golens era uma das maiores de todos os seres viventes.

A batalha se estendia, mas ao fim dela, os airos saíram vitoriosos. Tiveram baixas, mas nada comparado com a batalha de Noagurh.

Todos estavam olhando para Gareth esperando sua reação de vitória. O líder airo apenas levantou a voz:

– Uma vitória de guerra não deve ser comemorada, pois não há nada comemorativo em uma guerra. Em verdade, nem vitória há. Apenas há aquele que perdeu menos.

Os airos então começaram a juntar os corpos dos seus para cremarem.

Algum tempo depois, os airos mortos estavam enfileirados ao chão envoltos em panos secos e

prontos para serem queimados, mas para a surpresa deles, uma labareda de fogo caíu sobre os corpos como um meteoro que cai do céu. Eles logo olharam para o alto com arcos e flechas prontos para serem atiradas. Mas seu espanto era tamanho, que hesitaram, pois acima deles estavam dezenas de dragões.

Secretamente, o imperador enviou os dragões para Urthas e agir caso a batalha contra a primeira tropa não acabasse bem. Alguns dragões pousaram naquela área onde os airos estavam. Imponentes como nenhuma outra raça é, causaram medo até mesmo aos airos.

Lotan, o rei dos dragões estava à frente e falou com Gareth.

– Oh, não se preocupem com cremação, pois contra nós, não sobrará nem mesmo seus ossos. – disse o rei dragão com sarcasmo. Gareth nada respondeu, apenas ergueu sua espada e avançou contra Lotan, mas esse alçou voo com os outros que estavam com ele. Os dragões posicionaram-se e liderados por seu rei, iniciaram o ataque fatal. Os airos não puderam lutar contra tamanho poder e foram derrotados. Os dragões eram muito poderosos, suas escamas eram duras como ferro, os únicos lugares possíveis de matá-los, era golpeando nos olhos ou dentro da boca, mas seus olhos eram pequenos e ninguém ousaria chegar perto da boca de um dragão, pois eles jorravam fogo por ela. O único jeito de acertá-los era com flechas. Gareth então ordenou que voltassem a usar os arcos e flechas. Com essa estratégia, conseguiram derrubar dois dragões, mas o

fogo que os inimigos cuspiam, incendiou a floresta e a claridade do fogo impedia os airos de enxergar bem. Foi quando Lotan, o rei dragão, entrou na batalha e aniquilou até mesmo as árvores. Um dos golpes de Lotan acertou Gareth quase arrancando-lhe seu braço. Gareth desmaiou.

Depois de algumas horas, Gareth despertou e percebeu que a horda imperial já havia partido. Não saquearam nada, seu único objetivo era finalizar os airos. Gareth começou a procurar por sobreviventes até que encontrou uma airo ainda respirando, mas com dificuldade. Era Lyuen, uma airo jovem que ao recobrar a consciência, começou a chorar ao perceber os mortos em sua volta, Gareth a abraçou.

– Devemos procurar por mais sobreviventes. – disse ele.

Ela sabia o que deveria fazer, mas estava arrasada e teve que reunir toda força que tinha para se levantar e ajudar Gareth.

Os mortos estavam, em sua maioria, carbonizados pelo fogo dos dragões e levaram muitas horas até que conseguiram reunir todos que ainda estavam vivos, embora muito machucados. Eles foram em direção ao esconderijo onde as crianças e idosos estavam e lá encontrou muitos deles mortos, mas a maioria ainda estava viva, incluindo Chipa, que embora machucada, ajudava outros sobreviventes. O esconderijo não havia sido encontrado pelos dragões, mas a destruição causada por eles era tal, que mesmo escondidos,

foram vitimas dos ataques devastadores que derrubaram até mesmo as árvores de Urthas.

Eram apenas algumas dezenas de airos sobreviventes.

Gareth, mesmo profundamente triste, juntou forças e organizou os sobreviventes para partirem da floresta.

– Para onde vamos? – perguntou Luyen.

– Vamos para o mesmo lugar onde os elers foram, para o norte, para um dos lugares onde os olhos de Lly-Helel ainda não fitaram, para o reino de Khadravel. Lá, devemos nos multiplicar novamente, nos reorganizar e nos preparar para a próxima guerra.

Chipa consentiu.

Luyen ficou espantada, mas no fundo sabia que Gareth tinha razão, enquanto os airos existissem, Lly-Helel nunca descansaria e os caçaria para sempre. Eles estavam fadados a sempre se prepararem para a próxima guerra e temiam estar levando ela para qualquer lugar que estivessem indo.